

תורה

A Lei de Moisés

Torá

Realização:

**Templo Israelita
Brasileiro Ohel Yaacov**



**Centro Educativo
Sefaradi en Jerusalem**



Apoio Cultural:



**Sociedade Cemitério Israelita
de São Paulo "Chevra Kadisha"**

TORÁ - A LEI DE MOISÉS - תורה

©2001, 2017 by Templo Israelita Brasileiro Ohel Yaacov,

Centro Educativo Sefaradi em Jerusalem e Editora e Livraria Sêfer Ltda.

Texto Hebraico: Der Shul Chumash ©1995, 1997 by Vagshal Publishing Ltd., Jerusalém.

Ilustrações do Tabernáculo: ©1996 by The Judaica Press, Inc., New York.

Todos os direitos desta edição reservados e centralizados através da

EDITORA E LIVRARIA SÊFER LTDA.

Alameda Barros, 735 CEP 01232-001 São Paulo SP Brasil

tel.: (11) 3826-1366 fax: (11) 3826-4508 sefer@sefer.com.br

Livraria virtual: www.sefer.com.br

CONSELHO EDITORIAL

**BERNARDO LERER, DAVID GORODOVITS, ERWIN V. R. PAMPLONA, ISAAC LEVY,
JAIRO FRIDLIN** (coordenador) e **RUBEN NAJMANOVICH**.

Idealização, Produção, Redação e

Editoração do Texto em Português

Tradução de Textos em Espanhol

Digitação

Projeto Gráfico e Capa

Digitalização, Editoração e

Paginação do Texto em Hebraico

Editoração de Ilustrações

Revisão

Edição Final

Revisão Final

Revisão técnica

Editoração eletrônica e atualização

Agradecimento Especial

Jairo Fridlin

Isolina B. Vianna

Erwin V. R. Pamplona e Sra.

Iara Wajner Duobles

Ivo Minkovicus

Dagui Design

Thais Przewozinski

Jacob Lebensztajn

Bernardo Lerer

Giuliana Bastos e André Bertoluci

Vitor Fridlin

LCT

Guita e Jacó Guinsburg, da Editora Perspectiva, que gentilmente autorizaram a reprodução de textos da obra *Sermões*, do rabino Menahem M. Diesendruck ^{Z"l}.

Agradecimentos

Sheila Lindenbojm Fridlin, Ariela Najmanovich, Dr. José A. Nessim, Dr. Salvador Sarfatti, rabino Baruj Garzon Serfatty, rabino Eliahu Baruch Valt, Nachum Shapiro, Dra. Célia Opitiz, Majer Chil Kochen, Esequiel Holcman, Jack Strauss, Carlo A. L. Carrenho, Daniel, Ariel e Natan Lorber Rolnik.

Nota: Nas palavras transliteradas, adotou-se o “**ch**” para o som de “**rr**”, como **carro** em português. Em respeito ao falecido autor, o rabino Matzliah, a consoante hebraica **Vet** tem nesta obra o som de **B**.

איסור השגת גבול ידוע.

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, sem a autorização expressa da Editora e Livraria Sêfer Ltda.

2001, 2017

ISBN: 85-85583-26-6 978-85-85583-26-2

Printed in Brazil

ב"ה

תורה A Lei de Moisés Torá

Edição revisada e ampliada da obra

A LEI DE MOISÉS E AS HAFTARÓT

Tradução, explicações e comentários do rabino

Meir Matzliah Melamed ^{Z"l}

(publicada no Rio de Janeiro em 1962)

com comentários da edição em espanhol **Humash Hamercaz**, textos e comentários extraídos do **Sidur Matzliah**, em português, e as Meguilot de Ester e Cântico dos Cânticos, em português.

Enriquecida pelos comentários do rabino

Menahem Mendel Diesendruck ^{Z"l}

extraídos, mediante autorização, de sua obra **Sermões**

(© Editora Perspectiva, São Paulo, 1978)

Comentários compilados, redigidos e editados por

Jairo Fridlin

Inclui a tradução das Cinco Meguilot,

três delas (Rute, Echá e Cohélet) traduzidas e comentadas por

David Gorodovits e Ruben Najmanovich

além de um moderno texto hebraico da Torá, das Haftarót e Meguilot, acompanhado da tradução de **Onkelos** para o aramaico e dos comentários exegéticos de **Rashi, Baal Haturim, Toldot Aharon e Icar Siftê Chachamim**

A TRADUÇÃO DO PENTATEUCO

Tem havido muitas traduções totais ou parciais da Bíblia: desde o famoso *Codex de Alcobaça* até, em nossos dias, a tradução brasileira. Algumas com extensos comentários, como a de Figueiredo. Dentre as traduções parciais convém destacar a dos Salmos, de Santos Saraiva, *A Harpa d'Israel*, feita diretamente do hebraico e acompanhada de excelentes comentários. O certo, porém, é que todas elas padecem das dificuldades decorrentes da natureza desse famoso livro. Escrito em várias épocas, apresenta arcaísmos às vezes tão obscuros no seu contexto que têm dado margem até a interpretações cerebrinas, provocando sérias controvérsias.

A obra do rabino Matzliah, A LEI DE MOISÉS, é a tradução dos cinco livros de Moisés, ou Pentateuco. Os pontos pouco claros foram cuidadosamente estudados à luz da Tradição, quando a gramática e o significado não correspondiam ao sentido perfeito do assunto explicado.

Como todas as línguas, o hebraico sofreu ao longo dos séculos modificações semânticas de tal porte que, em certos trechos, seria um contrassenso traduzi-las pelo seu sentido da época da redação definitiva do livro. Das quatro formas de tradução, cuja sigla é “PaRDeS”, ele preferiu o *pexat*, isto é, o sentido literal. Mas aí é que se revela o tradutor, visto que o significado das palavras varia. O rabino Matzliah conseguiu encontrar nesses casos o verdadeiro significado, como deve ser compreendido na estrutura da frase, desatando assim as inúmeras dificuldades com as quais comumente se depara o tradutor.

Naturalmente, o ilustre Rabi recorreu à língua hebraica, da qual é excelente conhecedor, como também aos grandes Mestres do Talmud e da Tradição e à vastíssima literatura rabínica para, afinal, esclarecer as dúvidas em tais trechos.

Os Profetas lidos na sinagoga depois da *Parashá* estão aí representados nos trechos selecionados para esse fim, também traduzidos com perfeição. Entre eles, estão as chamadas *Haftarot* de Consolação, extraídas de Isaías, que apresentam dificuldades às vezes insuperáveis. Contudo, o rabino Matzliah soube vencer os obstáculos e apresentar uma tradução correta e compreensível. Agora, o israelita brasileiro pode com segurança acompanhar na LEI DE MOISÉS a leitura das *Parashiot* e também das *Haftarot* recitadas aos sábados nas sinagogas.

Em suma, este trabalho está destinado a representar no Brasil e para a língua portuguesa o que a tradução do Pentateuco do grão rabino L. Wogue representou para a língua francesa no século passado, ainda hoje proveitosamente consultada.

Rio de Janeiro, setembro de 1962.

David José Pérez

P R E F Á C I O DA 1ª EDIÇÃO

Em todas as épocas, a Torá – fonte essencial da religião judaica – tem sido a base da unidade espiritual de Israel, e esta unidade é que tem lhe dado a força necessária para a sua sobrevivência. Assim, o estudo da Torá foi sempre um dever primordial para os adeptos da nossa religião.

Analisando a literatura judaica em português, verifiquei que faltava a tradução da LEI DE MOISÉS neste idioma, isto é, uma tradução fiel às interpretações dos nossos exegetas, os quais se inspiraram na Tradição, no Talmud e no Midrash.

Esta obra, posso afirmá-lo, é única em seu gênero, pois as traduções da Bíblia em português que examinei, quase todas se limitam a traduzir as palavras etimologicamente, deixando de lado o mais importante: o sentido que lhes deram os nossos doutores da Lei.

Esta tradução e os comentários que a acompanham têm como base as opiniões dos exegetas, tais como: Rabi Shelomo Yitschaki (Rashi), Onkelos (Targum), Rashbam, Baal Haturim, Daat Zekenim Mibaale Hatossafot, as do Talmud e as do Midrash; também foram consultadas obras modernas de alguns comentaristas, escritas em vários idiomas, tais como *Varietés Homilétiques*, do Rabino M. Wolff, e outras; por fim, a opinião, explicações e comentários do próprio autor, na sua condição de rabino ortodoxo e conservador.

A extrema dificuldade deste trabalho assim realizado e sua grande importância não passarão despercebidas aos que possuem o conhecimento profundo do texto original. Resumindo, esta é uma obra de fé, baseada nos ensinamentos dos grandes mestres do judaísmo.

Hoje, mais do que nunca, parece-me necessário divulgar especialmente à nova geração, que só utiliza o idioma do país, o conteúdo da nossa mais Sagrada Escritura, para que saiba alguma coisa do que o judaísmo tem dado espiritualmente ao mundo, da sua história e da sua missão, como descendente do povo de Israel.

Conforme a tradição, o profeta Moisés explicou a Torá em setenta idiomas (Rashi, Deuteronômio 1:5 e 27:28); e o Talmud (*Sotá* 35) nos diz a razão: “Para que as nações do mundo possam copiá-la”, pois além de nós mesmos, todos devem conhecer a verdade sobre o conteúdo da LEI DE MOISÉS e a sua moral elevada. Se homens como mulheres, jovens como adultos, pessoas imparciais de todos os credos e amigos da verdade tirarem proveito deste livro, elaborado com boa fé, isto será minha recompensa.

Rio de Janeiro, Tishri 5723 – setembro 1962.

Rabino Meir Matzliah Melamed

Os súditos do príncipe pensavam: “Coitado, vai casar com uma princesa tão feia!” Os súditos da princesa ponderavam: “Quem sucederá ao nosso rei?”

Após a cerimônia, o príncipe teve a mais grata das surpresas ao conduzir a princesa para seu novo lar. Ela era bela, inteligente, meiga e instruída. Logo mostrou-se capaz de dialogar com cada um dos súditos, tornando-se amada por todos. A princesa também soube aplicar a ciência que seus preceptores lhe haviam transmitido para orientar os ministros, os quais, utilizando-se de seus conselhos, conseguiram encontrar novas formas de tratar o solo e alcançar colheitas tão boas como jamais haviam ousado pensar.

A alegria e a felicidade do príncipe cresciam a cada dia e, após algum tempo, levaram o príncipe a realizar a festa que não fora celebrada na ocasião do casamento. Dessa forma, ele permitiu que todo o povo participasse e manifestasse sua satisfação pela maravilhosa transformação que a vinda da princesa provocara.

* *
*

Esta história baseia-se em uma parábola contada pelo Maguid de Dubno para explicar porque recebemos a Torá em *Shavuót* e somente alguns meses depois, em *Sucót*, é que realizamos uma festa de imensa alegria – *Simchat Torá* – para expressar toda a felicidade que sentimos pela sua outorga.

Quando recebemos a Torá, não conhecíamos seu conteúdo. Sabíamos apenas que era uma dádiva Divina e ante isso proclamamos *Naassê Venishmá* – cumprimos e escutaremos. Com reverência e respeito, recebemos os mandamentos transmitidos por *Hacadosh Baruch Hú*, por meio de Moisés, sempre dispostos a cumprir todas as suas determinações.

No entanto, à medida que as leis eram explicadas ao povo, este percebeu que elas forneciam a chave não para alcançar a grandeza material dos impérios pagãos existentes na época, mas sim para dar significado a todos os momentos de sua existência, proporcionando a este mesmo povo a incomparável felicidade de se viver segundo os preceitos da Torá. Diante desta percepção, surgiu a necessidade de dar vazão à alegria que contagiou a todos, o que foi feito na festa de *Simchat Torá*, onde todos dançam e cantam com entusiasmo e agradecem ao Eterno sua dádiva incomparável.

A Torá tornou-se a base legislativa de todos os povos do mundo ocidental. Mesmo as religiões derivadas do judaísmo continuaram a cultuá-la. Ela foi traduzida para quase todas as línguas, embora algumas traduções não tenham mantido o sentido correto das palavras hebraicas do texto original.

A primeira tradução portuguesa verdadeiramente judaica, elaborada por um rabino de conhecida erudição, é a que reeditamos neste volume, acrescida de comentários do tradutor, dos editores e do saudoso rabino Diesendruck. Esta tradução manteve-se fiel ao texto hebraico, ainda que algumas vezes a formação das frases em português possa parecer estranha.

Nassê Venishmá. *Nassê* – cumprimos. Através de séculos de penosos caminhos de sua história, o povo judeu dedicou-se a cumprir os mandamentos Divinos acima de qualquer outra coisa. *Nishmá* – escutaremos. Na realidade o sentido aqui é mais de “estudaremos” do que de “ouviremos”. Temos, portanto, a missão de buscarmos, dentro do limitado nível da percepção humana, a compreensão dos textos Divinos a nós transmitidos pelo maior profeta e líder que já viveu – Moisés, nosso mestre.

P R E F Á C I O À NOVA EDIÇÃO

“Lembraí-vos da LEI DE MOISÉS, Meu servo,
a quem ordenei, em Horeb, estatutos e leis para todo o Israel.”
Malaquias 3:22

Eis que havia um reino muito próspero, vizinho de um outro muito pobre. Enquanto no primeiro o solo era generoso e proporcionava fartas colheitas sem grandes esforços dos lavradores, o segundo tinha um solo árido que obrigava seu povo a uma árdua labuta para se alimentar e sobreviver.

Os reis do primeiro, no entanto, sofriam de profunda tristeza por não terem herdeiros. Até que um dia, após muitos anos, divulgou-se a feliz notícia de que um herdeiro ou herdeira nasceria dentro de alguns meses. Uma imensa alegria inundou o coração de todos os súditos, deixando os futuros pais radiantes de felicidade.

Convocados pelos soberanos, os sábios do reino se puseram a elaborar previsões para o futuro do herdeiro real, e todos aguardavam ansiosamente seu pronunciamento. Os sábios, no entanto, hesitavam em apresentá-lo, mas, instados pelo casal real, relataram finalmente as tristes conclusões a que haviam chegado.

Os sábios fizeram a seguinte declaração: “A rainha dará a luz uma menina e prevemos que ela não será feliz, porque há de casar com alguém que não lhe dedicará amor algum. O interesse de seu esposo estará totalmente voltado para o trono, do qual ele logo procurará apoderar-se.”

O rei, então, decidido a evitar que tal previsão se tornasse realidade, conclamou os sábios a buscar meios para evitar sua realização. Ouvindo atentamente seus conselhos e colocando-os em prática, o rei fez construir, ao lado do palácio real, aposentos isolados de todos os demais. Assim que a princesa nasceu, ela foi levada a estes aposentos, aos quais só tinham acesso seus preceptores e seus pais.

Consequentemente, a princesa cresceu sem que ninguém pudesse vê-la e, ao atingir a idade em que deveria se casar, uma proclamação foi enviada a todos os reinos, informando que a mão da princesa seria dada em casamento àquele que aceitasse duas condições: a princesa só poderia ser vista após o casamento e ela seria deserdada imediatamente após a cerimônia.

A princípio, ninguém se interessou por tal casamento, pois todos imaginavam que a princesa era tão feia que o rei tinha receio de que qualquer pretendente desistisse do casamento ao contemplá-la. Também era uma crença geral de que a princesa deveria ser uma filha desobediente que irritou seu pai de tal forma que este decidiu deserdá-la.

O príncipe do reino vizinho, no entanto, analisava a situação de forma diferente. “Esta princesa”, pensava ele, “deve ter sofrido muito por ser tão feia e tão pouco amada por seus pais. Este sofrimento deve ter sensibilizado seu coração, tornando-a capaz de compreender e amar meu povo, que é também tão sofrido.” Então, ele resolveu aceitar o casamento, o qual se realizou sem nenhum festejo.

esta, por exemplo: “O objetivo elevado e sagrado das nossas interpretações das *Parashiot* é ilustrar e comentar os eternos ensinamentos da sagrada Torá à luz do pensamento moderno, mas fiéis às eternas e velhas prescrições da Torá escrita e oral, transmitindo-as às novas gerações em roupagem atualizada, demonstrando assim aos jovens que nos leem a veracidade, perpetuidade e imutabilidade da Torá que consideramos *Torat Chayím*, doutrina de vida.”

Os Editores também apresentam comentários sobre passagens consideradas “controvertidas” e “nebulosas”, e foram além de uma única linha interpretativa, dentre as muitas possíveis. Procuraram trazer aos leitores informações e sínteses exegéticas dos grandes mestres do judaísmo de várias épocas. Em vez do detalhe técnico e específico, que pode ser encontrado em obras mais profundas e destinadas ao público interessado, priorizaram a atualidade dos eternos ensinamentos da Torá. Os Editores esforçaram-se em revelar, principalmente para a sociedade contemporânea em busca de ideais e valores em que possa pautar sua conduta e convivência harmoniosa, o sentido de esperança que emana dos ensinamentos bíblicos.

As observações com a letra E (de Editores) entre parênteses diferencia-as das análises sutis do rabino Matzliah ^{Z”L} (sem abreviatura) e das do rabino Diesendruck (MD). Além disso, as fontes consultadas compõem a bibliografia deste livro.

* *
*

Se, por intermédio desta obra, conseguirmos irradiar para a Humanidade um pouco da imensa luz da Torá e, assim, banir um pouco a escuridão, o ódio e a intolerância que ainda existem em nosso planeta, nosso esforço terá sido compensado, e nossa missão, cumprida.

São Paulo/Rio de Janeiro/Porto Alegre/Belém, Tevet 5761 - janeiro 2001.

Os Editores

Em cada geração, foram escritos dezenas e dezenas de livros de comentários que objetivavam uma melhor compreensão da Torá. Muitos foram os que dedicaram toda a sua vida ao estudo desta obra Divina. Em nossa edição procuramos selecionar um pequeno número de comentários entre os muitos existentes. Acreditamos que esta pequena seleção de comentários poderá trazer esclarecimentos aos leitores, assim como motivá-los a aprofundar seu conhecimento por meio de grandes autores, tais como Rashi, Maimônides, Nachmanides, Sforno, Nechama Leibowitz, Cassuto, Malbim e muitos outros.

Que o Eterno inspire cada componente de *Am Israel* a reafirmar através de sua vida o lema de *Nassê Venishmá*: “cumprirei os mandamentos do Eterno e buscarei iluminar minha vida através de sua compreensão”.

* *
*

Os Editores ativeram-se à tradução original e precisa do rabino Matzliah ^{Z”L} dos textos sagrados (mas não dos comentários), resistindo à tentação de modificar e simplificá-la em nome da modernização. Sem dúvida poderiam ter substituído, por exemplo, “*E falou o Eterno a Moisés*” por “*O Eterno [sujeito] falou [verbo] a Moisés [objeto indireto]*”. O texto ficaria mais claro, direto e moderno. Mas, além do fator subjetivo – o de se sacrificar o “sabor hebraico” que impregna o texto de forma tão marcante –, decidiram mantê-la por ser a única no mercado editorial brasileiro realizada diretamente do hebraico e de acordo com a milenar interpretação dos mestres do Talmud. Mas foi preciso atualizá-la, atendendo às transformações sofridas pela língua portuguesa desde sua publicação, há 39 anos, quanto à gramática, acentuação, regência, concordância e pontuação.

Além disso, determinadas palavras de compreensão mais difícil, ou arcaicas, foram substituídas por outras, mais conhecidas e modernas. Para os nomes próprios, foi adotada a sua forma hebraica, exceto os “consagrados”, mantidos em sua forma latina já conhecida. Quando necessário, a forma hebraica (ou latina) dos mesmos é citada entre colchetes. Todavia, em alguns casos, em que se comprometia a compreensão, não hesitaram em inverter o sujeito com o predicado ou alterar uma complicada forma verbal por outra mais simples. Foram também corrigidas imprecisões e antigas falhas de editoração apontadas por leitores atentos. Esperamos que se dê a mesma atenção a esta nova edição. Assim, cada vez mais, esta obra se aproximará da perfeição.

Tendo ao lado o moderno texto hebraico da famosa Editora Vagshal, de Jerusalém, os leitores poderão constatar como o saudoso rabino Matzliah se manteve fiel ao texto bíblico e aos exegetas clássicos, especialmente Onkelos (a tradução aramaica da Torá) e Rashi. Ou mesmo aperfeiçoar seu estudo do hebraico, pois há uma perfeita sincronia entre os textos hebraico e português.

Nesta edição, os Editores também consideraram os *Teamê Hamicrá* (sinais de vocalização musical) para fins de pontuação, e deixaram certos “espaços” no texto, de acordo, aliás, com os “espaços” em branco (*Parashá Petuchá* e *Setumá*) de um rolo da Torá convencional, segundo a tradição massorética. Ainda colocaram entre aspas as orações diretas de Deus, embora toda a Torá seja a expressão da palavra de Deus Altíssimo.

A compilação e redação dos comentários acrescentados a esta edição seguiram o mesmo critério do saudoso rabino Menahem M. Diesendruck ^{Z”L} para elaborar as mensagens, extraídas de sua obra *Sermões* e citadas neste livro sob a abreviatura MD. Como

ה פ ט ר ה H A F T A R Á

Com este nome se designa a parte dos profetas que se lê nas sinagogas depois da leitura da Torá, após o serviço matutino (*Shacharit*) de sábado, dos dias de festas, do dia de jejum de Nove de Ab, e também nas rezas da tarde (*Minchá*) do Dia do Perdão (*Iom Kipur*) e dos dias de jejum. O texto da Haftará trata geralmente de assunto similar ao do texto da Torá e ao qual corresponde.

Existem diversas opiniões quanto à primeira data em que se adotou o costume de ler a Haftará. Alguns rabinos supõem que se iniciou imediatamente depois da clausura dos livros dos profetas. O Rabino Abudarham remonta este costume ao tempo das perseguições, sob o reinado de Antíoco Epifânio IV (168-165 a.e.c.), que proibiu a leitura da Torá mas era indiferente aos livros dos profetas, que considerava livros de moral em geral. A leitura da Haftará ficou assim, para sempre, mesmo quando não era mais proibida.

O número dos versículos lidos na Haftará são no mínimo vinte e um, aos sábados, e quinze, nas festas, cabendo três para cada um dos sete ou cinco chamados à leitura da Torá, pois não se pode ler menos de três versículos para cada um deles. Por isso, foi chamada Haftará (desobrigação), porque com sua leitura desobrigavam-se do dever da leitura da Torá quando esta era proibida. Porém, se o assunto de que trata a Haftará acaba antes deste número de versículos, pode-se ler menos, como acontece no *Shabat Teshuvá*, em *Simchat Torá* e outras. A palavra Haftará significa também conclusão, despedida ou permissão para despedir-se da leitura da Torá.

Uma outra opinião (Dr. Bechler. J. Q. R. VI) diz que a Haftará foi instituída em oposição à crença dos saduceus e samaritanos, que acreditam somente na Lei de Moisés e rejeitam os Livros dos Profetas (vide *Otsar Israel* IV, 174). Esta opinião não tem fundamento, pois os saduceus como os caraitas creem na Bíblia inteira e rejeitam somente o Talmud e seus comentários.

A leitura da Haftará foi mencionada no Talmud (T. J. *Meguilá* 4,3 e T. B. *Meguilá* 23a). Em *Massechet Sofrim* 13,9 e 14,5 (*Pessachim* 117b) etc., foram citadas as bênçãos que se leem antes e depois da leitura da Haftará. Segundo o Talmud (*Guitin* 60a), entende-se que naquele tempo havia um livro de Haftarot para todo o ano. Não se tendo hoje conhecimento da classificação das Haftarot de acordo com este livro, e como no Talmud não se encontram referidas todas as Haftarot salvo as das festas, as dos quatro sábados especiais (*Tossafot Meguilá* 30a, *Taanit* 12a) etc., por estas razões existem em algumas *Parashiot* diferenças de seleção de trechos lidos como Haftará entre os israelitas do rito *Ashkenaz* e aqueles do rito *Sefarad*.

O Talmud (*Shabat* 24) faz supor que se lia a Haftará também aos sábados (10 versículos), durante a reza da tarde. Apesar de não continuarmos a fazê-lo, nas comunidades israelitas da Pérsia é mantido, ainda hoje, este costume.

Embora os israelitas de rito *Ashkenaz* e algumas comunidades de rito *Sefarad* costumem designar a seus filhos, a partir de sete anos, ou por ocasião do Bar Mitsvá destes, para ler a Haftará (exceto algumas Haftarot), a maioria dos “Sefaradim” do mundo não permite que seus filhos sejam chamados à Torá como Maftir, leiam a Haftará ou rezem o Cadish, enquanto os pais estão vivos. O costume de ler a Haftará por um falecido parece ter se originado do que relata o Bet Iossef (*Iorê Deá* 376) a respeito de um homem que morreu e falou por meio do sonho a um vivo e disse-lhe: “Não há quem me salve a não ser que meu filho reze o Cadish ou leia Haftará em minha memória”. Uma outra razão dada é porque a palavra Haftará (parte final ou despedida) tem relação com a palavra *Niftar* que significa “se despediu” (do mundo). Outros atribuem o costume a estas palavras contidas nas bênçãos de após a leitura da Haftará: “*Velaaluvat néfesh toshía*” (“e a alma entristecida, salva-a”), que, segundo a Cabalá, fazem alusão à alma do falecido, triste e abatida por seus pecados, e à sua redenção pela qual o filho está rezando a Haftará. De forma semelhante escrevem os livros *Zôhar* (*Parashat Acharê-Mot*) e *Ben Iochai*, pág. 127. Costuma-se ler a Haftará no sábado anterior ao aniversário do falecimento.

NOTA: Para a tradução das Haftarot, o autor baseou-se principalmente nos comentários dos exegetas: Rashi, Metsudat David, Metsudat Tsión, Malbim e no Targum Ionatan ben Uziel.

ת ו ר ה A L E I D E M O I S É S

Chama-se “Lei de Moisés” ou “Pentateuco” (em hebraico *Chumash*, *Chamishá Chumshê Torá* ou simplesmente Torá) ao conjunto dos cinco primeiros livros da Bíblia, que são:

Gênesis	Bereshit.....	בראשית
Êxodo.....	Shemót.....	שמות
Levítico	Vayikrá.....	ויקרא
Números	Bamidbar	במדבר
Deuteronômio.....	Devarim.....	דברים

Os nomes que derivam do grego estão relacionados com o conteúdo, enquanto as denominações hebraicas são constituídas pela primeira ou principal palavra do início de cada livro.

A autoria do Pentateuco é atribuída a Moisés, que o escreveu sob inspiração Divina. A crença afirma que a Torá que possuímos hoje é a mesma que nos transmitiu Moisés. Esta afirmação faz parte dos *Treze Artigos de Fé Judaica de Maimônides* (*Shelosh-Esrê Icarim leHarambam*).

Existem três diferentes redações do Pentateuco: a judaica, a samaritana e a grega da *Versão dos Setenta* (Septuaginta) e sua versão latina, denominada *Vulgata*. A mais próxima à judaica é a grega. A redação judaica foi vocalizada pelos rabinos massoraitas, aproximadamente no século VII depois da era comum. A redação samaritana, a mais recente das três, difere bastante da judaica e da versão grega.

O Pentateuco contém a história do Homem, a origem do povo hebreu e toda sua legislação civil e religiosa, finalizando com a morte de Moisés.

Quanto à autoria dos oito versículos finais da Torá, que tratam da morte e sepultamento de Moisés (Deuteronômio 34:5), o Talmud (*Baba Batra* 14b) a atribui a Josué, seu sucessor, que acompanhou o seu mestre até os últimos momentos.

A Torá contém cinco mil oitocentos e quarenta e cinco versículos.

בראשית GÊNESIS

O primeiro livro do Pentateuco chama-se Gênesis, isto é, “origem”, e em hebraico *Bereshit*, que significa “no princípio”. Esses títulos são adequados a um livro que trata da criação do mundo, das origens do gênero humano e da iniciação da história do povo hebreu.

O livro está dividido em três partes: a primeira trata do princípio do Mundo e da Humanidade (Capítulos 1-12); a segunda da vida patriarcal (Capítulos 12-36) e a terceira da história de José, até o fim do livro.

O professor Humberto Casuto, da Universidade de Jerusalém, demonstrou claramente em seu livro *La Questione Della Genesi*, com documentos e amplas explicações, a unidade do Gênesis. Todos os esforços feitos para desmembrar este livro e diminuir sua importância foram inúteis e, portanto, a tradição judaica que atribui a autoria do Pentateuco ao profeta Moisés, triunfa até hoje.

As primeiras palavras do Gênesis, que tratam da Cosmogonia, são plenas de solene majestade. Sem adornos nem fantasias inúteis, impressionam justamente por isto. Somente Deus existia naquele tempo, com a sua Onipotência e a sua vontade de criar o mundo. Este conceito tão elevado da realidade e do pensamento humano está expresso de maneira simples e sem nenhum esclarecimento sobre o feito maravilhoso da Criação.

Os primeiros capítulos do Gênesis encerram em si os profundos princípios e mistérios da Criação, tal como foram revelados no Talmud e na Cabalá. Além de ser proibido pela religião, é impossível considerar o sentido literal ou aparente desses capítulos. O verdadeiro sentido é muito mais profundo, e seu estudo necessita de um prévio conhecimento das doutrinas completas da Torá.

(N.E.: Atualmente, a teoria aceita pela maioria dos cientistas é a chamada de *Big Bang*, apresentada em 1946 por George Gamow e que pode ser assim expressa: num dado instante, nosso Universo não existia e, no instante seguinte, passou a existir. Segundo a teoria, há cerca de 15 bilhões de anos, apareceu subitamente do nada uma colossal fonte de energia, chamada de bola de fogo primordial. Percebemos, de imediato, que esta formulação traduz a ideia da criação *ex nihilo*. O fantástico desenvolvimento ocorrido durante as últimas décadas no estudo da cosmologia, astrofísica, astronomia, geologia, paleontologia e biologia molecular nos permite afastar a cortina misteriosa que encobria as etapas da Criação e perceber que, somente agora, começa o homem a ter uma pálida compreensão das mesmas. Aliás, segundo muitos comentaristas, os seis dias da Criação não se referem a dias de 24 horas, mas sim a etapas sucessivas de duração variável. Em outras palavras, o nível atual de nosso conhecimento anula o pretenso conflito entre o que nos ensina o Livro de *Bereshit* e o que nos afirma a Ciência.)

A segunda parte narra a história dos patriarcas Abrahão, Isaac e Jacob. Essa história demonstra a existência da ideia monoteísta entre esses antigos patriarcas do povo de Israel, que foram homens e não figuras divinas. Com o caráter essencialmente humano, tiveram uma fé religiosa superior, pela qual compreenderam a Unidade de Deus, permanecendo fiéis a Ele, cuja existência sentiram em toda parte. O estilo é narrativo e às vezes dramático, como o relato do sacrifício de Isaac, o engano de Jacob e a ira de Esaú. Esta parte termina com a triste e falsa notícia da morte de José.

A terceira parte é dedicada, principalmente, à história de José e atinge uma dramaticidade elevada e humana no relato do encontro de José com seus irmãos.

O Gênesis conclui com o estabelecimento, no Egito, dos doze filhos de Jacob, fundadores das doze tribos de Israel, e com a morte de José, para narrar outro período importante da história dos israelitas, no segundo livro: o Êxodo.

O Gênesis tem doze seções, lidas no *Séfer Torá* (Rolo da Torá) nas casas de oração em doze sábados, a partir do primeiro sábado após a festa de *Simchát Torá*.

Esse primeiro livro do Pentateuco contém mil quinhentos e trinta e quatro versículos.

ÍNDICE

VII	Prefácio da 1ª Edição	XVI	Preces para a Leitura da Torá
VIII	A Tradução do Pentateuco	1	A Lei de Moisés
IX	Prefácio à Nova Edição	613	Haftarót Especiais
XIII	A Lei de Moisés (Introdução)	633	Meguilót
XIV	Haftará (Introdução)	685	Bibliografia
XV	Índice		

בראשית / Bereshit / Gênesis

בראשית	1	Bereshit	מצורע	328	Metsorá
נח	16	Nôach	אחרי	337	Acharê
לך לך	29	Lech Lechá	קדושים	346	Kedoshím
וירא	42	Vaierá	אמור	354	Emór
חיי שרה	58	Chaiê Sará	בהר	366	Behar
תולדות	68	Toledot	בחקתי	373	Bechucotai
ויצא	78	Vaietsê			
וישלח	92	Vayishlach			
וישב	106	Vaieshev			
מקץ	118	Mikêts			
ויגש	131	Vayigásh			
ויחי	141	Vaichi			

שמות / Shemot / Êxodo

שמות	153	Shemot
וארא	167	Vaerá
בא	180	Bó
בשלח	193	Beshalách
יתרו	208	Yitro
משפטים	218	Mishpatim
תרומה	232	Terumá
תצוה	243	Tetsavê
כי תשא	255	Ki Tissá
ויקהל	271	Vaiac'hel
פקודי	280	Pecudê

ויקרא / Vayicrá / Levítico

ויקרא	288	Vayicrá
צו	301	Tsav
שמיני	310	Shemini
תזריע	321	Tazría

במדבר / Bamidbar / Números

במדבר	383	Bamidbar
נשא	395	Nassó
בהעלותך	410	Behaalotechá
שלח	425	Shelách
קרח	436	Côrach
חקת	446	Chucat
בלק	457	Balac
פנחס	468	Pinechás
מטות	482	Matót
מסעי	492	Masê

דברים / Devarim / Deuteronomio

דברים	503	Devarim
ואתחנן	515	Vaetchanán
עקב	528	Êkev
ראה	540	Reê
שופטים	555	Shofetim
כי תצא	566	Ki Tetsê
כי תבוא	578	Ki Tavô
נצבים	590	Nitsavim
וילך	595	Vaiêlech
האזינו	599	Haazínu
וזאת הברכה	606	Vezot Haberacha

E foi tarde e foi manhã, segundo dia. ⁹ E disse Deus: “Juntem-se as águas debaixo dos céus em um lugar, e se veja o (elemento) seco!” E foi assim. ¹⁰ E chamou Deus ao (elemento) seco, terra, e à reunião das águas chamou mares. E viu Deus que era bom. ¹¹ E disse Deus: “Produza a terra ervagem; erva que dá semente; árvore de fruto, que dá fruto de sua espécie, cuja semente esteja nele, sobre a terra.” E foi assim. ¹² E produziu a terra ervagem; erva que dá semente de sua espécie, e árvore que dá fruto, cuja semente está nele, segundo sua espécie. E viu Deus que era bom. ¹³ E foi tarde e foi manhã, terceiro dia. ¹⁴ E disse Deus: “Sejam luzeiros na expansão dos céus, para separar entre dia e entre noite, e sejam por sinais, e por prazos, e por dias e anos. ¹⁵ E sejam por luzeiros na expansão dos céus para iluminar sobre a terra!” E foi assim. ¹⁶ E fez Deus os dois grandes luzeiros: o luzeiro maior para governar o dia, e o luzeiro menor para governar a noite, e (fez também) as estrelas. ¹⁷ E os colocou Deus na expansão dos céus para iluminar sobre a terra, ¹⁸ e para governar no dia e na noite,

urânio” ou “atômico”, ou seja, na desintegração das substâncias radioativas das rochas, que a Terra tem, aproximadamente, 4 bilhões de anos. Seus esforços foram inúteis. Então, para conciliar a Escritura Sagrada com a ciência, podemos até admitir que um dia da Criação não equivale a um dia ordinário, e sim, a um longo período de tempo, conforme descreve o rei David no salmo 90:4 “Pois mil anos em Teus olhos são como o dia de ontem, que passou, e como uma vigília noturna.” Apesar disso, os judeus religiosos atêm-se à fé nas Escrituras Sagradas e contam os anos a partir dos dados bíblicos. Estes indicam estarmos hoje no ano 5777 (2017).

8. dia segundo – Segundo Rashi, a expressão “E viu Deus que era bom” foi omitida ao término da criação do segundo dia, pois ela só foi concluída no terceiro dia. Assim, uma obra inacabada não podia ser qualificada de “boa”. Além disso, no terceiro dia,

quando ela termina e outra é iniciada e concluída, o versículo repete esta frase duas vezes. (E)

dia segundo – Segundo Rashi, os céus – criados no primeiro dia – estavam em estado fluido. No segundo dia, os céus se solidificaram criando uma divisão entre as águas de cima e as águas de baixo. De acordo com Nachmânides, a separação foi entre os aspectos totalmente espirituais da Criação e o mundo material que circunda o homem, inclusive os mais distantes pontos do sistema solar. Ele diz ainda que o firmamento e as águas de cima e de baixo estão entre os mistérios da Criação que não podem ser conhecidos pelo homem, ou cuja explicação deve ser limitada àqueles qualificados a conhecê-la. Já outros exegetas comentam que o termo “firmamento” se refere à atmosfera que envolve a Terra.

13. dia terceiro – Conforme o costume sefaradita, aqui termina a leitura do *Cohen* (o primeiro a ser chamado à Torá) no sábado.

וַיְהִי־עֶרֶב וַיְהִי־בֹקֶר יוֹם שֵׁנִי: פ ׀ וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יִקְווּ הַמַּיִם מִתַּחַת הַשָּׁמַיִם אֶל־מָקוֹם אֶחָד וַתֵּרָא הַיַּבֵּשָׁה וַיְהִי־כֵן: ׀ וַיִּקְרָא אֱלֹהִים ׀ לַיַּבֵּשָׁה אֶרֶץ וּלַמָּקוֹה הַמַּיִם קָרָא יַמִּים וַיֵּרָא אֱלֹהִים כִּי־טוֹב: ׀ וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים תְּדַשָּׂא הָאָרֶץ דָּשָׂא עֵשֶׂב מִזֵּרִיע זֶרַע עֵץ פָּרִי עֹשֶׂה פֶרִי לַמִּינֹו אֲשֶׁר זֶרְעוֹ־בּוּ עַל־ הָאָרֶץ וַיְהִי־כֵן: ׀ וַתּוֹצֵא הָאָרֶץ דָּשָׂא עֵשֶׂב מִזֵּרִיע זֶרַע לַמִּינֹהוּ וְעֵץ עֹשֶׂה־פֶרִי אֲשֶׁר זֶרְעוֹ־בּוּ לַמִּינֹהוּ וַיֵּרָא אֱלֹהִים כִּי־טוֹב: ׀ וַיְהִי־עֶרֶב וַיְהִי־בֹקֶר יוֹם שְׁלִישִׁי: פ ׀ וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יְהִי מְאֹרֶת בִּרְקִיעַ הַשָּׁמַיִם לְהַבְדִּיל בֵּין הַיּוֹם וּבֵין הַלַּיְלָה וַהֲיוּ לְאֹתוֹת וּלְמוֹעֲדִים וּלְיָמִים וּשְׁנָיִם: ׀ וַהֲיוּ לְמְאֹרֶת בִּרְקִיעַ הַשָּׁמַיִם לְהָאִיר עַל־הָאָרֶץ וַיְהִי־כֵן: ׀ וַיַּעַשׂ אֱלֹהִים אֶת־שְׁנֵי הַמְּאֹרֶת הַגְּדֹלִים אֶת־הַמָּאֹר הַגָּדֹל לְמַשְׁלַת הַיּוֹם וְאֶת־הַמָּאֹר הַקָּטָן לְמַשְׁלַת הַלַּיְלָה וְאֵת הַכּוֹכָבִים: ׀ וַיִּתֵּן אֹתָם אֱלֹהִים בִּרְקִיעַ הַשָּׁמַיִם לְהָאִיר עַל־הָאָרֶץ: ׀ וּלְמַשֵּׁל בְּיוֹם וּבַלַּיְלָה

שְׁמִיָּא וְהָוָה רַמְשׁ וְהָוָה צֶפֶר יוֹם תַּנְיָן: ׀ וַיֹּאמֶר ׀ יִתְכַנְשׁוּן סִיָּא מִתַּחַת שְׁמִיָּא לְאַחַר חֹד וְתִתְחַזֵּי יִבְשָׁתָא וְהָוָה כֵּן: ׀ וַיִּקְרָא ׀ לַיַּבֵּשָׁתָא אֶרֶץ וּלְבֵית כְּנִישָׁתָא סִיָּא קָרָא יַמִּים וְהָוָה ׀ אֵרִי טָב: ׀ וַיֹּאמֶר ׀ תִּדְאִית אֶרֶץ דִּיתָאָה עֲסָבָא דְבֵר זְרַעִיה מְזֹדְרַע אֵילָן פִּירִין עֲבֵר פִּירִין לְזִנְיָה דִּי בֵר זְרַעִיה בִּיה עַל אֶרֶץ וְהָוָה כֵּן: ׀ וַתּוֹצֵא אֶרֶץ דִּיתָאָה עֲסָבָא דְבֵר זְרַעִיה מְזֹדְרַע לְזִנְיָה וְאֵילָן עֲבֵר פִּירִין דְבֵר זְרַעִיה בִּיה לְזִנְיָה וְהָוָה ׀ אֵרִי טָב: ׀ וְהָוָה רַמְשׁ וְהָוָה צֶפֶר יוֹם תַּלִּיתַי: ׀ וַיֹּאמֶר ׀ יִהְיוּ נְהוּרִין בִּרְקִיעָא דְשְׁמִיָּא לְאַפְרָשָׂא בֵּין יַמָּא וּבֵין לַיְלָא וַיְהִיו לְאֹתִין וּלְזִמְנִין וּלְסַמְנִין בְּהוֹן יוֹמִין וּשְׁנָיִן: ׀ וַיְהִיו לְנְהוּרִין בִּרְקִיעָא דְשְׁמִיָּא לְאַנְהָרָא עַל אֶרֶץ וְהָוָה כֵּן: ׀ וַעֲבֵר ׀ יֵת תַּרְיָן נְהוּרִיָּא בִּרְבִּכְנָא יֵת נְהוּרָא רְבָא לְמַשְׁלַת בִּימָסָא וְיֵת נְהוּרָא זְעָרָא לְמַשְׁלַת בְּלִילָא וְיֵת כּוֹכְבָּיָא: ׀ וַיְהִיב יִתְהוּן ׀ בִּרְקִיעָא דְשְׁמִיָּא לְאַנְהָרָא עַל אֶרֶץ: ׀ וּלְמַשְׁלַת בִּימָסָא וּבְלִילָא וּלְאַפְרָשָׂא בֵּין נְהוּרָא וּבֵין חֲשׁוּקָא וְהָוָה ׀ אֵרִי טָב:

תולדות אהרן
וּלְמִסְכָּה: שְׁמֵי חֵט: כִּסֵּי כֵן: מְשׁוּלָּחַס: סָב: וַיֹּאמֶר: ׀ רִיָּה יֵל: לְפִינֹו: חוֹלֵץ
ס: וְתוֹצֵא: חוֹלֵץ שֵׁם רִיָּה יֵל וַיַּעַשׂ: חוֹלֵץ ס: וְיִתֵּן: תַּנְיָן: יֵל:

בעל הבורים

(וי) סוריע זרע לְפִינֹו: רִיָּת מִזֵּל שְׁלִין דְּךָ עֵשֶׂב שְׁלִין מִזֵּל לַמַּעֲלָה: (ויד) מְאֹרֶת: חֲסֵר שְׁלֵם נִכְרָא לְהָאִיר אֲלָף הַגֶּשֶׁם: וַיִּתֵּן לֹא נִכְרָא אֲלָף כִּדִּי שְׁלֵם יַעֲבֹדוּ לְמַחָה אִם תְּהִיָּה יִמְדִּיה:

רש"י

שם מים דבר אחר אש (ומים: (פ) יקוו המים. היו שטוחים על פני כל הארץ והקוים בלוקיינום הוא הים הגדול שבכל הימים: (י) קרא ימים. והלא ים אחד הוא א אלא אינו דומה טעם דג העולה מן הים בעכו לגג העולה מן הים ב כספספאי: (א) תרשא הארץ דשא עשב: ג לא דשא כלן עשב ולא עשב כלן דשא ולא היה כלן המקרה לומר תעביד הארץ שמיני דשאין מחולקין כל אחד לעצמו נקרא עשב פלוגי ואין כלן למדבר לומר דשא פלוגי שאלן דשא הוא לבוש הארץ בעשבים כשהיא מתמלאת בדשאים: תרשא הארץ. תתמלא ותתכסה לבוש עשבים כלן לע"ז נקרא דשא ארבי"י כולן בערכובי' וכל שזקש לעצמו נקרא עשב: פוריע זרע. ד שגלל בו זרע לזרוע ממנו במקום אחר: עץ פרי. שהיה טעם העץ כטעם הפרי והוא לא עשהה כן אלא ותואל הארץ וגו' ועץ עושה פרי ולא העץ פרי לסיכך כשתתקבל דשם על עונו נפקדה גם היא על עונו (ס"א אינו דורין) ותתקללה: אשר זרעו בו. הן גרעיני כל פרי שהיה האילן לזרעה ה כשטועין ואות: (יב) ותוצא הארץ וגו'. אע"פ שלא נאמר למינה בדשאין בציווייהן שמעו שגטוון האילנות על כך ונקאו ח"ו בעצמן ו כדמפרש בגמרא בשחיטת חולין: (יד) יהי מאור וגו'. מיום ראשון נבראו ו וכרביעי אה עליהם להחלות בדקיע וכן כל

עיקר שפתי חכמים

א ר"ל דהא כל שאר ימים יתקנה מים הגדול כמ"ש כל החלים וגו': ג בדאספמיוה הגדול שוכים וית: ג דק"ל למה נאמר תשא הארץ דשא עשב וגו' ואין יסול הפעל תשא על עשב: ד ר"ל תמזיע הוא ל' מפעיל להאדם שיכול לזרוע במקום אחר: וכלן כחיו בעשב מזיע זרע כי העשב נזרע מזרע הארץ. ונעץ כחיו אשר זרע בו כי העץ עמלו יתפר לזרע אם ירכיב לו טעם אה ענינו במקום אחר: ומה אילנות הגדולים וענפיהם מרובים ולא יתעברו יחד מעולם בכל אה אלו למים. אלו עשתיים ואם נהיה מעורבבים לא היה היכר ביניהם כלל עאלו"ש ק"ל לנו לאלף למינה: ק"ל דה"ל קודם לכן ויעש אלהים את הדקיע והא"כ יהי מאורות: ח דק"ל נדמהלל כחיו עני המאורות הגדולים והא"כ אחר את המאור הגדול: ט והא"כ אחי שפיר דלא כחיו יהי כוכבים וכן ויעש את הכוכבים:

